

Texturas, sons, sabores, odores: o professor ao toque das mãos

Viviane Maciel da Silva^{1*} (PG), Maira Ferreira² (PQ).

vivianemaciel@gmail.com.

1 Instituto Federal Sul-rio-grandense, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Palavras-chave: Sensorial, Pre formativo, Docência.

Área temática: Formação de Professores

Resumo: Iremos apresentar uma ação desenvolvida com sete discentes, do curso de Licenciatura em Química (IFSul/CaVG), visando mobilizar memórias pre formativas, ou seja, lembranças relacionadas a opção pela docência em Química como carreira. Foi organizada uma oficina sensorial onde foram explorados tato, audição, paladar e olfato, privando-as da visão. Na oficina a história tátil, era referente ao trajeto formativo de um docente, em contrapartida, ao final do trajeto, as alunas foram convidadas a descrever suas próprias memórias relacionadas ao trajeto pre formativo como um texto. Como referencial e percurso metodológico, foi utilizada a perspectiva da diferença, os conceitos de Corpo Sem Órgãos, Subjetividade e Devir, descritos por Deleuze e Guattari. Nos dados produzidos, foi possível perceber que, 'ver-se' como professor é uma prática necessária à aquisição de um 'vir-a-ser', segundo os autores, descrito como devir-professor, e que (re)montar, (re)tatear, (re)cheirar, (re)viver histórias pode auxiliar as discentes a se constituírem na carreira docente.

Introdução

Em nossa contemporaneidade, inúmeras são as possibilidades de produções que podem contribuir nos processos de formação docente. Em especial, aqueles que priorizam a promoção de experiências educativas a partir de métodos baseados na investigação e na participação.

Ao buscar uma articulação entre a experiência e a opção pela formação docente nós perguntamos às discentes: E se? E se eu te perguntasse por que decidiste ser professora de Química? E se eu quisesse saber por que Química e não outra ciência cativou tua atenção? E se eu tentasse saber porque escolheste ser uma professora e não uma pesquisadora de laboratório, cercada de tubinhos e equipamentos? E se eu questionasse tua escolha toda e quisesse saber qual(is) o(s) caminho(s) que te trouxe(ram) até o local em que estás hoje? Que fluxos, que movimentos, que acontecimentos, que afetos te fizeram realizar tuas escolhas, tu saberias de pronto o que responder?

Ao definir o objetivo da atividade elaborada, perguntamos, ainda, às discentes: E se eu te pedisse para me contar tua história, tu saberias como fazê-lo agora mesmo? Talvez isso não seja o mais justo, então, e se eu te contasse a minha antes, depois trocamos, que tal te parece? E se? Pretendemos, assim, resgatar as experiências pre formativas através do relato escrito das discentes.

O corpo

As experiências do corpo estão em movimento constante a partir dos estímulos que recebemos, memórias que revisitamos, diferentes formas, em que cada um sai de seus lugares esquecidos e ganha forma de corpo novamente. A partir da perspectiva da filosofia da diferença podemos perceber que o corpo cria gostos, que fecha os olhos quando revive as memórias.

Mas, por vezes, precisa que as memórias sejam aguçadas para que resgatem a experiência. Essa experiência vem do encontro entre o corpo com o alimento, com o som, com o cheiro e com a textura, do toque que retoma da ponta dos dedos, do arrepio do braço, do gosto familiar.

Nem sempre o corpo é estruturado ou preexistente, mas pode ser visto como um molde produzido entre encontros, que podem vir de acontecimentos, o que nos oportuniza a criação um Corpo sem Órgão (CsO). Segundo Deleuze e Guattari (2010, 2012), um CsO pode ser pensado como uma prática, ou um conjunto de práticas, ao invés de um espaço delimitado, ou seja, será mais adequado dizer que vivemos um CsO, uma vez que ele pertence ao que os autores descrevem como um estilo de vida nômade¹.

De acordo com Deleuze e Guattari (2012, p.124), o organismo não é corpo, é “um estrato sobre o CsO, quer dizer, um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair trabalho útil”, visto que o organismo será a soma de todos estes acontecimentos, e podemos dizer que os órgãos separados do corpo, possuem diferentes potências.

O desejo, atravessa o corpo, ultrapassa o significado e dá lugar às sensações. Modificar e capturar órgãos, poderá fazer deles instrumentos para novas texturas do desejo e intensidades (re)contadas. Um CsO deverá efetuar a ação da potência sobre os órgãos, levando junto com estes o pensamento. Ao mobilizá-lo damos tato e língua às memórias que desejamos capturar.

O CsO não se ocupa em descrever o tempo, o objeto, o exato, o prazo, mas em buscar outros modos de viver e de expressar a forma como viveu, ou seja, como sentir a vida, ampliando as condições que criamos para obter prazer em viver, em ouvir, sentir, experimentar e se deixar ser afetado.

Múltiplas ações, inclusive educativas, impulsionam o CsO a artistar desvios que mesclam saberes e conhecimentos científicos, dominados pelo educador, à potenciais de cuidar de si e de criar modos de viver. Nos modelos educacionais, essas ações são encharcadas de valores prescritivos de certo e errado, que tentam enquadrar em moldes o corpo, não permitindo que haja um “corpo sem imagem” que dê lugar a imaginação, criar este corpo pode ser uma memória didática possível. (DELEUZE, GUATTARI, 2010)

¹ Historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes, ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar, escapando dos códigos. Na perspectiva da diferença, o nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, sua origem provém de Nietzsche que viveu como um desses nômades reduzidos a sua própria sombra, indo de pensão em pensão. (territoriosdefilosofia.wordpress.com)

Texturas, sons, sabores e odores professorais

Ao desenvolver esta atividade, buscamos um modo para mesclar educação, ensino de Química e filosofia da diferença. Para tanto, organizamos uma oficina sensorial em forma de trilha, idealizada sem o uso da imagem, ou seja, ao atravessar o trajeto, os estudantes eram vendados. Tendo isso como primeira opção, escolhemos estimular o corpo a sentir os outros sentidos, pois ao privar a visão e estabelecemos atividades que instigassem tato, olfato, paladar e audição.

Tomamos como pano de fundo, o Curso de Licenciatura em Química do IFSul, câmpus CaVG, durante as disciplinas de estágios supervisionados I a IV. Buscamos como possibilidade, produzir um corpo de relações permutáveis, num exercício de contar sobre o trajeto de “dever-ser” professor e permear histórias que compuseram o percurso daquele que oferece sua história e dos sentidos deste percurso.

Para tanto, construímos uma trilha sensorial, na qual utilizamos alimentos para o paladar, essências orgânicas para o olfato, objetos diversos para o tato das mãos e dos pés, música instrumental para a audição, organizados em formato de trajetória de vida. Ou seja, com os olhos vendados, as participantes percorreram a trilha, na qual era contada a história de formação de um professor.

Fizeram o trajeto sete discentes, cursando o semestre final da graduação, esperou-se com isso (des)prepará-las para descrever seus próprios trajetos, em especial os aspectos relacionados as memórias pre formativas, relacionadas aos eventos que as fizeram optar pela docência em Química como profissão. Foram oferecidas para esta tarefa, folhas de papel tamanho A3 e canetas hidrocor de cores variadas.

Enfim, esperamos torcer o pensamento, dando a ele sensações de palpitações, cheiros, apertos, texturas, sabores, para pedir dele lembranças em forma de texto, de caminhos que o trouxeram ao local em que se encontram, usando a escrita para dar língua e corpo a tudo o que foi sentido.

Pelas mãos - do toque à escrita

Ao som da trilha, o sentir dos sentidos são tantos e as desacomodações promovidas tão singulares, que os corpos pesquisados se manifestam de modos únicos. Observar as discentes montarem, na imaginação, os fragmentos não vistos da história contada de um professor, desde sua infância até a prática da docência - permeados pela Química (imagens 1 a 4), buscou despertar que as discentes remontassem suas próprias histórias, mobilizados pelos cheiros, gostos, sons, lugares, personagens, que até então estavam adormecidos nos locais da memória.

Com tantos agenciamentos², as experiências que afloram são bastante diversas. Algumas discentes tentaram criar histórias, outras tentaram encontrar o

² Segundo Deleuze e Guattari, o Agenciamento (hecceidades) diz respeito ao acoplamento de um conjunto de relações materiais a um regime de signos correspondente. O agenciamento é formado pela expressão (agenciamento coletivo de enunciação) e pelo conteúdo (agenciamento maquínico) (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

que faltava naquela que estava sendo contada, e outras, ainda, tentaram identificar item a item o que era tateado, como em uma competição. Mas, todas se deixaram arrepiar pela tensão do não visto, e, na sequência, se entregaram à escrita.



Imagens 1 a 4: os passos e os toques dados na travessia da trilha.

Um pouco do que lemos nestas histórias:

Minha avó com quem morei até os meus 11 anos, me deu um quadro de giz, com o qual eu podia passar a matéria para minhas bonecas, tinha várias conversas imaginárias com elas (Bê)

Logo mais tarde fui estudar em outra escola, haviam mais recursos, porém, as provas ainda eram mimeografadas, adorava o cheiro do álcool. [...] Passou pouco tempo e engravidei, para não parar de estudar optei pelo magistério, era mais acessível no cuidado do meu filho; desde então não sei fazer outra coisa a não ser lecionar [...] já a Química é outra história (Ju)

Quando estava no CG [escola] fui aluna de um GRANDE PROFESSOR o WP, a Química fazia todo o sentido, então, a cada aula era uma nova descoberta [...] conclui o 2º grau com 15 anos e decidi ser aluna do mesmo professor na faculdade, ele dava aula no curso de Bioquímica (Dâ)

Eu queria tanto entender aquilo que gastava todo o meu R\$ pagando aulas de inorgânica, esperou eu sair para se aposentar, o bobalhão! Mas se eu for buscar palavras para definir essa época: esforço, gratidão, recompensa e amigos (Rê)

Essas histórias nos ajudam pensar que nunca é uma coisa apenas que faz com que as discentes tomem um caminho, não é um evento único que diz que a Química é uma paixão ou que a docência é uma escolha. Para Deleuze e Guattari (2012), os agenciamentos podem brotar de conversas imaginárias, de um cheiro incomum, de uma descoberta, de amigos ou encontros que descrevem sequer ser necessário saber dizer destas coisas, mas os corpos ganham formas conforme estes órgãos vão se constituindo nas experiências.

Por meio das ações didáticas podemos fazer mover as emergências dos discentes. Nesse sentido, a criação de oficinas que gerem tensões e desconfortos pode despertar, não apenas memórias narradas, mas fazer refletir

sobre os passos já trilhados na formação docente, buscando ampliar as convicções de que as aproximações vividas são de fato desejadas, posto que, se entendermos a docência como um local de afetos, faltou completar a sentença.

Considerações

Enquanto o corpo ainda não está pronto (e nunca estará), existe uma prática de 'vir-a-ser' no CsO, chamada por Deleuze e Guattari de 'Devir', que pode ser percebido como um estado de vir-a-ser e de mobilização, se desloca por agenciamentos vindos, por exemplo, de exercícios de experimentação como o proposto, em que o corpo é circulado por intensidades. As sensações podem auxiliar os discentes a 'ver-se', ao pensar seu trajeto pre formativo e questionar o seu querer 'dever-ser' professor. Como em um movimento de yin yang³ em que para avançar à frente é preciso mover-se um passo atrás, tem-se que exercícios didáticos no formato de oficinas permitem aos estudantes (re)montar, (re)palpar, (re)cheirar e (re)viver histórias que podem auxiliar os futuros professores a constituir-se na carreira docente.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. São Paulo: 34, 2010.

_____. Mil Platôs: volume 1. São Paulo: 34, 2011.

_____. Mil Platôs: volume 3. São Paulo: 34, 2012.

BIATO, Emília Carvalho Leitão. Cores, Sabores e Texturas: Fantasias do corpo em cena. In: RODRIGUES, Carla Gonçalves (org). Caderno de notas 5: oficinas de escrituras. P elotas: UFPel, 2013.

³ Yin Yang é um princípio da filosofia chinesa, onde yin e yang são duas energias opostas. Yin significa escuridão sendo representado pelo lado pintado de preto, e yang é a claridade. A luz, que é uma energia luminosa e apresenta-se de maneira muito intensa, é o yang, e a luz muito fraca, é o yin.